

6 MAR 1964

	1964
	23 DE MARÇO
	ANO VII
	N.º 35
Prop. do CENTRO ESCOLAR N.º 1 Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA	

ARAUTO

Redacção e Administração: Liceu Nacional da Horta		Editor: DR. TOMAZ DA ROSA	
Redactores Ricardo Costa, Mário Carmo e Carlos Frayão	Redactor Desportivo Humberto Amaral	Secção Publicitária José Decq Motta José Avelar Rosa	Administradores Luís Gonçalves Herberto Faria



III SEMANA DE ESTUDOS

uma organização de largo alcance

A 3ª Semana de Estudos, que está a decorrer na Horta é um memorável acontecimento de natureza cultural, cuja projecção se estende a todo o Arquipélago. Tem despertado o maior interesse, nomeadamente entre os estudantes do Liceu dos Anos mais adiantados e da Escola do Magistério.

Regista-se um número considerável de semanistas de outras ilhas, que se deslocaram à Horta. Nesta cidade os inscritos sobem a um número elevado.

São diversas as actividades da Semana de Estudos ou levadas a efeito no decurso delas: conferências, exposições, visitas a lugares de interesse cultural, passeios turísticos e reuniões de confraternização, a representação de um drama e um sarau músico-literário.

O Núcleo Cultural da Horta, que em colaboração com o Instituto Açoriano de Cultura, se encarregou dos preparativos para a realização da Semana, nomeou várias comissões que com o maior entusiasmo e grande sacrifício se dedicaram às diferentes tarefas a executar.

Conclui na 2.ª página

Gil Vicente e o seu génio

Gil Vicente introduziu o teatro português quando em 1.502 entrou na Câmara da Rainha, por altura do nascimento de D. João III, recitando o *Monólogo da Visitação*.

Entusiasmado com a apreciação que lhe foi feita pela Corte, compôs, nos 34 anos que se seguiram, um conjunto de 44 peças.

O escritor Nunes da Rosa

O Conto tem, em toda a novelística portuguesa deste século, ocupado lugar de relevo. Pondo já de parte todas as obras de grande mérito que dia a dia se nos oferecem, basta olhar para as revistas para aí se encontrarem trabalhos de autores que nelas se ensaiam para voos mais altos.

Entre os vários contistas açorianos de mérito vamos referir-nos a um, cujo valor é incontestável, Nunes da Rosa.

Não será de mais lembrar o seu nome e a sua obra aos estudantes do nosso Liceu.

Nunes da Rosa foi pároco zeloso e dedicado, primeiro nas Flores, depois no Pico, nas Bandeiras onde faleceu em 1946. Nasceu, porém, na Califórnia, e em pequeno veio para a Madalena, Pico, terra natal dos seus pais, que o trouxeram.

Era uma alma bondosa. Assim não se estranha, que toda a sua obra compilada nos volumes «Pastorais do Mosteiro» (1904) e «Gente das Ilhas» (1925), esteja imbuída de ternura, de simplicidade cristã.

Os seus contos oferecem-nos um realismo simples, idílico e folclórico, em que

Conclui na 9.ª página

Manuel de Azevedo Gomes

Porque és tão alto, ó Pico, porque és tão grande?

Será só porque, impetuoso, irrompeste das profundezas onde jazias, afastaste o mar e ultrapassaste as nuvens nesse anseio de te achares mais perto de Deus?

Eu direi que não, direi que és principalmente grande porque és o berço de homens fortes e honestos, de homens corajosos que testemunhando o seu valor, vão tornar o teu nome conhecido onde a sombra do

teu cume não se pode projectar.

Manuel de Azevedo Gomes é um desses homens. Como veio ele aumentar a tua glória?

Por ter sido um oficial da Marinha de Guerra Portuguesa, comandante entre outros navios, da canhoneira Dio, da corveta Duque da Terceira e dos cruzadores S. Gabriel e D. Carlos?

Por ter sido vogal da comissão técnica da artilharia

Continua na 2.ª página

As gigantes da mar larga

A terra arrefecia. Do seu seio jovem brotavam tremendas erupções. O solo instável, erguia-se e abatia-se transformando sua superfície. Continentes súbitamente brotados, desapareciam sem deixar rasto.

Quaternário; as convulsões cataclísmicas acalmam, as terras verdejantes aspiram o ar da acalmia. O mar, varrido por gigantescas vagas, acalenta em seu seio mistérios aliciantes. As ilhas, gigantes prostrados, deitados de dorso ou erguendo-se acariciando o céu, dormem o seu sonho milenário. As vertentes de seus montes cobrem-se de vida vegetal, as flores pululam

na terra que o homem não descobriu ainda.

Dezenas de séculos passam. O aspecto modificou-se, percebe-se no entanto no seu íntimo algo do passado, do pretérito de sonho. Vê-las é como o entrar num mundo novo, calmo e dolente em que o ar,

(Conclui na 9.ª página)

Vice-Reitor

Tomou posse do cargo de Vice-Reitor, no passado dia 14 o Ex.º Sr. Dr. Tomaz da Rosa.

O «Arauto» congratulando-se com o facto apresenta ao seu dedicado Editor, sinceras felicitações.

Conclusão da 1.ª página

dando-lhes nova forma literária e dramática.

O teatro vicentino, iniciado por autos pastoris religiosos inspirados em João de Encina, foi gradualmente adquirindo características individuais.

Dos novos temas criados por Gil Vicente encontramos o pastoril profano, os de carácter mitológico cavalheiresco ou nacionalista e sobretudo temas de crítica social.

Se pusermos de parte o drama religioso, na segunda fase da obra o poeta mostra predilecção por assuntos cómicos, pintando o carácter e viver dos seus contemporâneos.

De todos estes aspectos apresentados o mais importante é o da visão satírica da sociedade portuguesa que levou Gil Vicente a representar nas suas peças alguns tipos das diversas classes sociais.

Entre esses tipos temos o velho enamorado e a alcoviteira que são apresentados na farsa *O Velho da Horta*, o fidalgo pelintra e a menina namoradeira em *Quem tem Farelos?*, na farsa *Inês Pereira* temos o tipo da rapariga preguiçosa que pretende casar com um homem de classe superior, o marido rigoroso e o marido benevolente que obedece à mulher. No *Auto da Índia* o nosso dramaturgo foca precisamente os homens que abandonam o lar em busca das riquezas do Oriente, o que traz como consequência e dissolução familiar e a corrupção.

Ao criar os temas e os tipos sociais, o poeta não pretendia unicamente ridicularizar e censurar os defeitos duma época, mas essencialmente corrigi-la.

Nas suas obras o lirismo ocupa nitidamente um lugar de destaque, tanto as farsas como as comédias oferecem características líricas, o bucolismo faz-se notar nos autos pastoris. Notamos também grande poder de observação e de exuberante imaginação e revelou notável argúcia na

compreensão da psicologia individual e colectiva.

Apesar da estrutura um pouco imperfeita das suas peças o seu teatro obteve grande êxito naquele tempo, vindo a influenciar os grandes dramaturgos espanhóis, Calderon de la Barca, Lope de Vega e Tirso de Molina. Em Portugal ele exerceu influência sobre Luis de Camões, António Ribeiro, Afonso Alvares, Baltasar Dias e António Prestes.

Será Gil Vicente de facto um génio? Os críticos em geral dizem que ele foi senhor dum génio incomparável, porque foi o primeiro dramaturgo que na Europa Moderna desenvolveu a crítica social.

É certo que já os antigos criavam através do teatro tipos sociais, mas Gil Vicente apresentou tipos muito diferentes dos clássicos, tipos esses que depois foram imitados por dramaturgos posteriores.

Pela visão global que nos deixou duma sociedade e duma época, com uma pleiade de tipos bem representativos, podemos encontrar na sua obra grandeza suficiente que, aliada ao espírito criador, justifica a designação de génio.

Maria José Lacerda
6.º Ano B.

Continuação da 1.ª página

naval, chefe da missão especial encarregada de assistir no Havre à construção dos cruzadores S. Gabriel e S. Rafael, chefe do gabinete do Ministro da Marinha, comissário régio adjunto da Companhia de Moçamedes, comandante da Escola de Torpedos e Electricidade do Vale do Zebro, etc?

Tu pairas alto, ó Pico, os títulos mais ou menos pomposos não te impressionam só por eles tu não sentirias esse orgulho de Manuel de Azevedo Gomes.

Mas recordas a coragem e o valor de que deu provas e então orgulhas-te e desejarias que a tua voz se erguesse mais alto do que a tua fronte para mostrar ao mundo o valor dum filho teu.

Pela tua imaginação vão desfilando os episódios mais salientes e representativos da fortaleza de carácter de Manuel de Azevedo Gomes:

Transportas-te ao tempo da guerra da Secessão e vês, um navio americano, entrando abusivamente em águas terceirenses para fugir à perseguição de outro navio seu rival. Surge a oportunidade daquele teu filho, que então se encontrava na ilha Terceira, dar ao mundo testemunho da coragem que tu já descobristas e ele não

hesita: salta sem que o coração lhe trema para uma pequena vedeta e postando-se em frente do navio americano apetrechado com todos os recursos da artilharia da época, apoia-se na lei internacional para intimar o comandante do navio a abandonar as águas portuguesas. Era grande a desproporção dos dois barcos, qual pigmeu junto de um gigante, mas a coragem de Manuel de Azevedo Gomes equilibra essa desproporção e o oficial americano obedece àquela voz que soa clara e firme.

O tempo passa e tu acompanha-lo realizando nos mares da China importantes missões. Agora tremes, imaginando-o entrando em Xangai no seu pequeno barco, quando um tufão furioso o apossava quando monstruosas vagas se abriam para o engulir e as rochas estendiam seus agudos dentes para o despedaçar. Tremes como então tremeu o povo de Xangai que presenciou a façanha, também como eles respiras aliviado ao vê-lo sair ileso de tão dura prova para logo te envaideceres vendo o oficial em chefe da armada inglesa então em Xangai a desejar conhecêr o hábil piloto que sem prático, sem outro guia que não fosse a pericia, a sua coragem de

Conclui na 9.ª página

III SEMANA DE ESTUDOS

Conclusão da 1.ª página

Os estudantes do nosso Liceu, que já o ano passado acompanharam com interesse a 2.ª Semana realizada em Angra, compreendem bem o alto significado destas iniciativas.

Proporcionam aos responsáveis e a todo o público interessado uma ótima oportunidade para considerar alguns momentos dos problemas culturais, de ordem geral ou de especialização, de que depende a elevação e o progresso do Arquipélago, no quadro do desenvolvimento nacional.

Expõem-se ideias, discutem-se pontos de vista, tro-

cam-se impressões em diferentes ângulos de visão. E de tudo resultarão conclusões de utilidade para as Ilhas.

Oferece ainda a Semana oportunidade para manifestações artísticas tão do gosto dos açorianos, e portanto do público faialense.

Uma das ideias dominantes da Semana é a ideia de Comunidade: — sua noção e aplicação ao condicionalismo dos Açores. Progresso humano e suas determinantes, eis outra ideia a acentuar, no conjunto dos Temas versados. E finalmente várias conferências desenvolvem, assuntos relativos à agricul-

tura, genéricamente e em concreto no caso açoriano; e assim se sincroniza, mais ou menos a discussão de problemas agrícolas, que nos dizem respeito, com o estudo em elaboração na Assembleia Nacional, que tem por objecto a agricultura do país.

Espera-se, pois, que esta 3.ª Semana de Estudos nos Açores constitua um acontecimento de vulto no meio insular, com o Trabalho de entidades de todos os distritos deste Arquipélago e do continente. Registemos a participação nela de Estudos de individualidades que se impõem à consideração do país inteiro.

V. S.^o deseja visitar a Caldeira,
a Espalamaca ou o Vulcão,
dar a volta à ilha, um pas-
seio turístico ou um simples
serviço utilitário?

Não hesite em telefonar para o 67
e terá a qualquer hora
veículos "Mercedes-Benz"
e "Peugeots"

À SUA INTEIRA
DISPOSIÇÃO

não esqueça,
chame seis sete

Linhas DMC

Café Moccona sem cafeína

TODDY

Farinhas alimentícias Casilan, Farex e Complan

Companhia de Seguros Garantia

MOSAICOS

Encontra V. Ex.^a no Agente

I. ÁVILA DE MENEZES

Largo do Bispo, 14

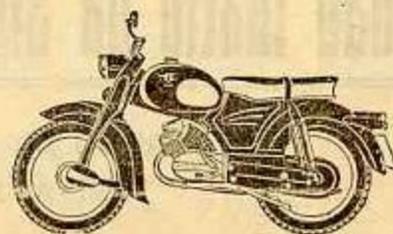
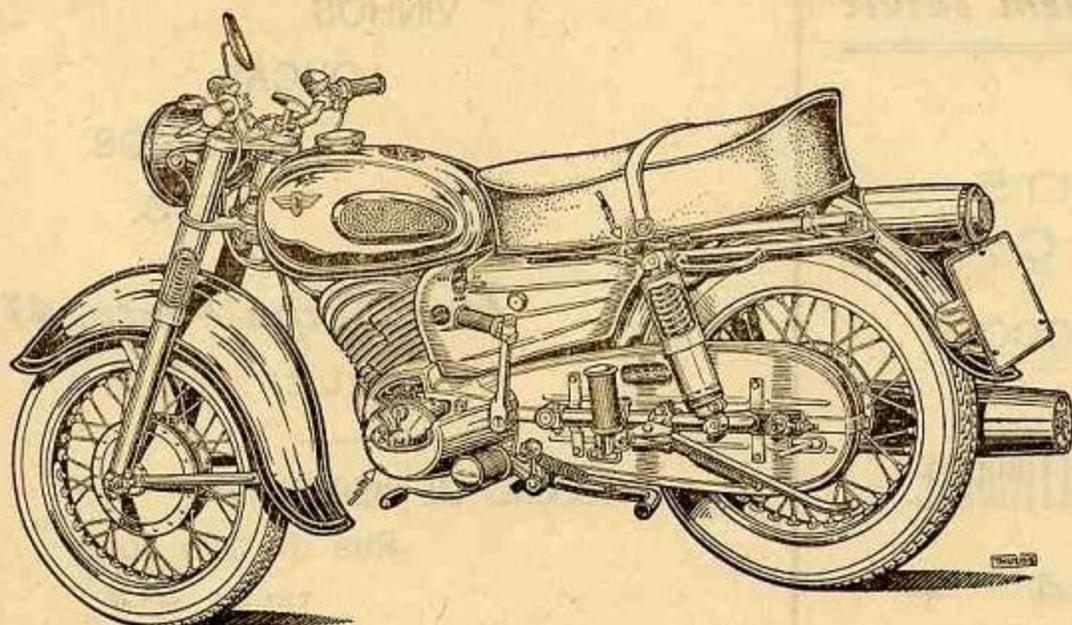
HORTA

ZÜNDAPP

Já chegou a 30.^a remessa de bicicletas motorizadas

Zündapp Falconete Modelo KS 50

com 4 velocidades, mudança de pé, arranque por pedal (Kickstarter)
pneus super-balão 21x2.83, assento corrido, porta-bagagem cromado



e já chegaram

Motociclos

Zündapp

TROPHY - S 175
e TROPHY - S 250
de 165 e 25 cm³

únicos com arranques eléctricos!

Karl-Heinz Grötzner

CASA POLACA

TELEFONE 342

de Antónia Veníssimo Pereira

Rua Conselheiro Medeiros, 27

FAZENDAS, MIUDEZAS E BIJUTERIAS

ONTEM, HOJE E SEMPRE

a Casa que mais barato vende

Na Secção de Papelaria

DA FIRMA

Manuel Alexandre da Silva

(HERDEIROS)

RUA WALTER BENSÁUDE, 10

Encontrará todo o material
da especialidade, bem como
louças finas, brinquedos, etc.

Café Europa

Depois do seu almoço
ou jantar prefira

o Café do Europa

LARGO DA REPÚBLICA

COR

QUALIDADE

BELEZA DURADOURA

só com

Robiallac

Agentes Distribuidores no Distrito

Júlio Dutra d'Andrade & Macedo, Lda.

Casa das Casimiras

João Inácio da Silva, Filhos, L. da

LARGO DA MATRIZ
HORTA - FAIAL

Símbolo de bem servir

MODAS

LANIFÍCIOS

CALÇADO

SECÇÃO DE CONFECÇÕES

— MAIS DE 50 ANOS DE ACTIVIDADE —

TELEFONE 74

Casa

Casimira Gonçalves

com

SECÇÃO DE TALHO

CEREAIS

VINHOS

LOUÇAS

ALUMÍNIOS

ETC.

Rua Serpa Pinto, 41

TELEF. 187

SECÇÃO DE MERCEARIA

Rua de São João

TELEF. 313

UNIVERSALIDADE

Pensais que os ermos jazem em repouso
e são uns cemitérios desolados,
e que as coisas, assim como os finados,
permanecem num sono tenebroso?

Não! as florestas de cerrada frança,
quando as cruza o tropel louco dos ventos,
soltam um mesto còro de lamentos
em que se afligem almas sem esp'rança...

No outono, quando o campo está doente,
à vibração suave das trindades,
passa a tona das coisas, vagamente,
uma tribu de anónimas saudades...

Quando as vozes da vida desfalecem
e a paz é triste e vasta como um mar,
cheia de graça, a lua vem falar
aos corações eleitos que a conhecem.

II

Enquanto se detém o vosso olhar
à tona dos aspectos, impotente,
no amago de tudo, claramente,
eu descubro um espírito a cismar.

Deleita-se a minha alma a respirar
os afectos das coisas: a dolente
nostalgia dum sérro olhando o mar,
o coração das paisagens ao morrente...

Sim, eu respiro como essência estranha
a orfandade que exala uma montanha
quando o outono a junca de destroços.

E esses casais, dispersos pelo monte,
sinto-os pensar, cravando no horizonte
os seus olhos humanos como os nossos.

Roberto de Mesquita

SÁBADOS

A doce alma dos sábados rurais
afagando as aldeias pela tarde,
na hora em que fumegam os casais
e o fulvo ocaso em vivas chamas arde!

Anunciativos, sob o azul docel,
cantam sinos na tarde que descora.
Lembram a voz do anjo Gabriel
quando foi visitar Nossa Senhora.

Sábado ao pôr do sol... Com que docura
o seu celeste afago tudo embala!
Dir-se-há que o próprio campo se satura
da bem aventurança que ele exala...

Roberto de Mesquita

HINO à TERRA

Envolta pela sombra do mistério
Segue a Terra o destino que a conduz
Em larga volta ao sol no espaço etéreo,
Fascinada talvez por essa luz.

Fecundada por ela, graciosa,
Cobre um manto esmaltado em luz e còr:
A azulada montanha luminosa
No vermelho poente arde em fulgor.

Pelos vales o verde colorido
Ondula à luz do sol e ao vento sul;
E o mar, soberbo rei do amor vencido,
Estende aos pés da Terra o manto azul.

Mas a alma luta e geme alanceada
Pelo Mal, o feroz triunfador;
Quantas vítimas choram pelo nada,
Exaustas, desoladas pela dôr!

É lei. Mas pelas sombras do futuro
Luz que não é, talvez, miragem vã,
Anuncia-te, ó Terra, um céu mais puro
Em que o Bem seja o sol doutra manhã.

M. Joaquim Dias

CREPUSCULAR

A NUNES DA ROSA

Era ao cair da tarde. O Sol tingia
A còr de fogo as bandas do poente,
Uma tristeza harmínica e sombria
Pousava sobre a Terra docemente.

Cantava a sua eterna salmodia
O Mar num tom profético e dolente
E a luz branca, silenciosa e fria,
Entre nuvens rolava o disco albente.

Na praia as ondas vinham uma-a-uma,
Em recortes alvíssimos de espuma,
Estender lindas rendas sobre a areia.

Subia em formas vagas pelos ares
O fumo das herdades seculares,
O sossêgo pairava em toda a aldeia...

Osório Goulart

A AVÓ

(A FLORÊNCIO TERRA)

A noiva ia uma flôr, sorrindo da contente.
Mas quis que a avó a visse, a pobre avó, coitada,
uma boa velhinha, há anos entrevada,
que tinha um doce olhar profundo e transparente.

Chegou a neta a si, olhou-a ternamente,
abraçou-a, beijou-a e disse-lhe magoada:
— «Deus te faça feliz!» Na face descarnada
uma lágrima então rolava docemente.

Ah! n'quela fina alma abrija uma saudade!
E recordou, tão velha, a sua mocidade,
a olhar para a neta, a vista imóvel, fita...

Fôra n'um dia assim... Como ela se lembrava!
E ao lado do seu noivo, um moço que a adorava,
ela ia assim também, tão fresca tão bonita!...

Garcia Monteiro

QUIMERA

Apague-se-me a última almenara
no castelo que o sonho construiu.
Apoderem-se dele a noite e o frio.
Matem de morte ignara
A vã progénie do meu sonho esguio,
Tornada a causa vil dos meus tormentos
por já me haver tornado a vida cara.
Encinerem-se os ricos aposentos,
e em nuvem negra levem-nos os ventos!

Ó mortos que dormis em mim o sono
duma vida irreal que me perdeu,
tornei-me como vós múmico mono,
e espero morto a vida que morreu.

Quimeras, naus armadas no meu seio,
dos portos que me davam para a vida,
mandei-vos a buscar o pão da vida,
Mas nenhuma de vós aos portos veio.

Altos palácios de cimento armado
que ergui no seio do futuro,
desmoronai em tórbido monturo!
Aviões de vôo ousado,
rádios, telescópios e radar,
engenhos complicados que estruturo
num momento veloz de vão cismar,
ficai assim, ficai por fabricar.

Ambições minhas, bolas de sabão,
pedras de lama, Himalaias feitos
de fumo e com um hálito desfeitos,
não passareis dum pensamento vão!

José Enes

ANGÚSTIA

Eu vivo em Terra — olhando sempre o Mar.
Vivo no Mar — cativo sempre em Terra.
Guio o meu bote, quando vou pescar.
Lavro, semeio e levo o gado à Serra.

Como tantos, eu sou o Marinheiro
que a vida faz, à força, Cavador!
Rego a Terra de sangue e de suor,
mas, dentro em mim, o Mar falou primeiro.

O Mar!... O Mar!... No dia em que nasci,
foi a sua a primeira voz que ouvi,
muito ao longe, a embalar-me, docemente...

Angústia da minh' alma, tu és filha
deste drama de toda — toda! — a gente
que vive presa às rochas duma Ilha!

Dias de Melo

ÊXODO

À essa terra que não era a tua
deste o vigor dos teus braços,
deste o teu suor
e o teu engenho.

Por essa terra que não era a tua
deste generosamente o teu sangue.
E deste-lhe, povoador de mundos,
os teus filhos.

Agora, fechados os portos à tua entrada,
já o mar não é caminho aberto de emigrantes,
o mar não é mais a estrada livre dos barcos
de clandestinos...

O Mar...
(você o disse, Jorge Barbosa)
é hoje a nossa prisão sem grades.
Irmão, deixá-lo...
Nas nossas ilhas ergueremos o sonho que te negam
O nosso mundo.

Pedro da Silveira

OS ESTUDANTES E A POESIA

EVASIVA

*Dolentes
evolam-se sombras
fumos de cigarro,
e copos vazios
cantam um coro
desafinado...
Olho paredes
de diversas cores
e contemplo faces
despidas de tudo
num vago cansaço
num lento abandono,
o nada embalando
quase com sono...
Burburinho igual
música gasta;
pesada
parada
a voz do cantor
arrasta
o não ser
de toda esta gente
que busca, sem ver
e pede, sem querer
algo de diferente...*

SILVIA

Até quando?

Até quando
Viverei sem ti?...
Porquê?
Não sei
Nem tu o sabes...
Como?
Se a coragem do mal
É a timidez do bem,
Desse bem de te querer,
Até quando?
Sempre...
Sim, sempre.
Porque não mereço
Ter quem quero,
Padeço
Desespero.

H. F.

CHUVA

*Chuva...
Tempo de bruma...
Vultos confusos
Correm na rua.
Saudade eterna,
Do Sol que brilhou
Chove!...
E a chuva caindo,
De encontro às vidraças,
Canta, baixinho,
Doce melodia,
De sonho e nostalgia...
Fala-me de amor,
Do amor que partiu
E jamais voltou...
A chuva cai...
E a sua canção
De novas esperanças
Meu sonho alimenta...
Doce ilusão...
Triste realidade...
A chuva parou...
Nem tudo se foi...
A saudade ficou...*

YANN

Crepúsculo

*Entardecia...
A brisa soprava,
ligeira e leve
a nuvem de neve
devagar voava.
O sol já caía,
a noite já vinha,
entardecia...
Foi-se o sol,
a sombra corre,
corre a nuvem
vermelha de fogo,
corre a lua
alva e brilhante,
e lá mais ao longe
no crepúsculo,
a estrela da tarde
tal qual diamante
cintila no céu.
E mais de repente
que o voo de luz
da estrela cadente,
anoiteceu.*

ALPA

10% de desconto

a JASSIG

oferece aos estudantes
em todos os artigos

CANETAS
ESFEROGRÁFICAS
ETC.

DISCOS

as últimas novidades

Reviva o seu tempo de ESTUDANTE com:

INSTAMATIC

"50"

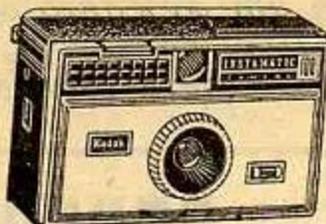


246\$ s/ I. C.

Flash vendido
separadamente
(87\$00)

ou

"100"



c/ Flash
incorporado

468\$

em casa ou no campo fazem:

12

diapositivos a cores
Fotos 9x9 cm. a cores
Fotos 9x9 cm. a preto e branco

À VENDA NA

GALERIA FOTOGRÁFICA

José Goulart

Rua Ernesto Rebelo, 9 — Tel. 455 — HORTA

Café-Restaurante

a Lima

a casa que melhor serve

Não hesite!

Dirija os seus passos à mercearia

OTHON AMARAL

o mais completo sortido
de Mercearia Fina

TEL. 139

PHILIPS

apresenta

12 modelos

totalmente transistorizados

a pronto e a prestações

DISCOS

ÚLTIMAS NOVIDADES

Fogões a gaz «JUNIOR»

7 MODELOS

AGENTES - OFICIAIS

FRANCISCO J. CAMPOS, L.^{DA}

ALFAIATARIA
Rodrigues

DE
Francisco Augusto de Azevedo

Executam-se
todos os trabalhos
para homem
e criança

Os Soares

ao serviço de V. Ex.ª

1 OPEL,
1 MERCEDES.

GENTILEZA!
RAPIDEZ!
CONFORTO!

TELEFONE 213

Confie a execução
dos seus trabalhos
fotográficos

À

**Foto
Azul**

RUA WALTER BENSÁUDE

Quem tem tino
chama pelo

Celestino

TELEFONE 257

Foto Jovial

TELEFONE 56

Serviços de reportagem
Trabalhos para amadores
Completo sortido de todos
os artigos para fotografias

Preferir a JOVIAL

é ter a certeza de ser bem servido

Cunha Leite

Recebe e expõe
altas qualidades

em

CONFECÇÕES

SAPATARIA

e CAMISARIA

Padaria

Açoreana

DE

José Peixoto de A'vila & C.a

Fabrico e distribuição de pão

Artigos de Mercearia

Vinhos

Cervejaria

Padaria Açoriana

Praça da Infante

Hortex

Grande sortido de malhas,
Rústicos e Ráfias

com um desconto de 10%
para estudantes

MERCEARIA FAVORITA

MINHA SENHORA:

Se comprar na Favorita
economiza e fica rica

pois nela encontrará o melhor
sortido pelos mais baixos preços

RUA CONSELHEIRO MEDEIROS

Os gigantes do mar largo

Conclusão da 1.ª página

mesmo quando frio, aquece o coração, em que o vento mesmo ao atravessar os tempos modernos, traz consigo o agreste e misterioso do passado. Pressente-se na atmosfera o jogo das forças naturais. O homem contempla.

* * *

O navio sulca as águas safricas rendadas de espuma, a sua esteira branca continua o argênteo no azul. A brisa do Norte acaricia-nos as faces, ondeia-nos os cabelos sussurrando canções. Não há nuvens no céu, a paisagem ententece de maravilhosa... Pico, Faial, S. Jorge!

Vimos do Sul, entrámos num canal. Três ilhas nos saltam imediatamente à vista. À nossa esquerda, ondeando em pequenas elevações, subindo em cimos sempre redondos e delicados para o interior, o Faial, um dos gigantes adormecidos apresenta seu corpo dividido em miríades de quadrados verdes, cercados de maravilhosas flores azuis. Explêndida baía ladeada por montes, deixa-nos ante-ter uma cidade ondulante com o terreno vinda desde os cimos que espriam o Oceano até ao litoral. O casario continua-se, interpenetra-se, segue um rumo mal definido, ladeia elevações, coroa-lhes os altos, percorre-lhes as encostas e as casas reflectem luminosamente o brilho do Sol, imbuindo de alegria doce o ambiente cálido e poético.

À direita, para lá dos rochedos vigilantes, que parecem minúsculos ante a sua grandeza, ergue-se para o céu em ponta acerada outra ilha, outro mundo, o Pico. O novo gigante, qual Buda sentado, mergulha no mar extensa base; sua configuração maciça tem no entanto tal delicadeza, que o olhar se prende no magnetismo do belo que irradia. Como Buda, assiste indiferente ao correr dos tempos, sorvendo do ar em amplas golfadas, o elemento que dá vida às suas en-

costas. É escuro ao amanhecer, de tonalidade sombria e difusa. Logo que o sol coroa seu pináculo, um cachão de ouro lhe percorre as encostas, que quase desaparecem no iridescente do céu. Distingue-se melhor depois quando um verde quente, de amplos limites, convida a cismar e à divagação poética. O sol mergulha nos cimos da ilha fronteira. A escuridão de novo a assalta, fazendo-a contrastar magnificamente com o céu, muito claro ainda. Aqui e ali, nuvens vermelhas como borboletas gigantes, buscam suas vertentes. Seus povoados são alegres vistos ao sol, procuram o litoral numa ânsia de ventos salgados, da prata das ondas largas. O sonho não termina nunca.

A proa do navio aponta-nos nova ilha, S. Jorge, gigante tombado, como que sorvendo a imensos goles o liquido que o banha, ou talvez procurando a carícia fresca das águas luminosas. Por vezes, os raios solares, de intensos que são, ocultam a ilha nas suas cintilações douradas. Mas logo surge de novo. Ao crepúsculo é a margem extrema, do imenso lago formado pelas três ilhas aberto ao ventos, e os seus pincaros agrestes recortam-se dentados no céu já percorrido pela Lua.

Há magia. O homem sente no coração a alma das insulas, cada qual seu mundo, tão diferentes na forma e no conteúdo. Algo as liga. A sonolência manhosa, a languidez perene, a alegria dolente.

O sol nasce, ergue-se, chove ouro, cai no mar, a noite cálida vem, com ela continua o sonho. Poderia ter sido aqui o Paraíso. Deus sente-se, o Homem é forte, a terra é sua, quer-lhe como a uma mãe.

O navio singra as águas escuras. A sua esteira é uma estrada de luz no crepúsculo sombrio do sonho. Pico, Faial, S. Jorge!

António Luis Proença Adão
7.º ano

O escritor Nunes da Rosa

Conclusão da 1.ª página

os personagens são arrancados do dia a dia da vida insulana, em que o ambiente é a própria vida, em que o enredo é ingênuo e puro.

Neles aparece o que de bom e mau existe, numa expressão da verdade. Mas sem derrotismos. É que de facto o Bem é algo que perdura para além da tragédia, da desgraça ou do desespero, é uma esperança que nos ilumina, é quase uma certeza que não nos pode abandonar. Imprimir-nos essa ideia, expressar-nos essa visão, é o que Nunes da Rosa pretende e consegue, ora enternecendo-nos, ora procurando o riso ou ainda purificando-nos e fazendo-nos ver o nível humano corriqueiro e banal o que só além existe. As suas personagens são crentes na alegria e na tristeza. O eterno surge-nos a par do terreno, humano e passageiro, nas formas tão belas do seu estilo colorido. — «A boa mulher a tremer, nervosa, a chorar, a invocar Nossa Senhora e os santos, fez um lamaréu na cozinha, escancarou o postigo da porta, que deitava sobre a praia, e empinou-se por dentro da vidraça a rezar, comovida: Avé Maria, cheia de Graça...». Eis um exemplo entre tantos.

Manuel de Azevedo Gomes

Conclusão da 2.ª página

marinheiro português, conseguiu ser mais forte do que a tempestade.

Novamente te envaideces vendo Manuel de Azevedo Gomes, ao tomar posse do cargo de chefe do gabinete do Ministro da Marinha, dar impulso aos progressos da Armada: contruíram-se os cruzadores S. Gabriel, S. Rafael e D. Carlos I e reorganizou-se o arsenal tornado apto pela 1.ª vez a realizar construções de ferro de certo vulto.

Muito mais podias recordar mas não estará suficientemente justificado o teu orgulho?

Norberta Bettencourt

Quantas vezes os estudantes lêem maus livros, maus nas ideias e no estilo, esquecendo-se que este distrito se orgulha de possuir, entre outros, este notável escritor picoense.

Mota Marques

São assim os Estudantes

Conclusão da 10.ª página

DEDICATÓRIA

O tal menino a quem o querido sogro queria dar uns sopapos mostrou-nos outro dia a fatografia da sua «Joaninha».

Engraçadita... tens uns olhinhos... um nariz e caso curioso, também ri com a boca!

Mas isto são simples pormenores de natureza estética que não interessam!

O curioso foi a dedicatória que surpeendemos no verso. (simples curiosidade). «Para o J. A.... da tua Maria L.... Bonito! da tua!!!

Quanto ao sopapos o «querido sogro» não tem razão! Está visto!

A Miúda diz: «da tua», pronto! Está acabado!

Nota da Redacção — o Zé disse que publicássemos o seu nome, mas o dela não! Pronto Zé!

Marias há muitas!

AVISO

Avisa-se o sr. J. R. que esta será a última vez (se não houver nada pelo contrário) o que Arauto insere as suas iniciais.

É com tristeza que registamos tal facto, mas claro que todos os leitores do Arauto embora lamentando o caso, compreendem perfeitamente que nem todos têm a mesma sensibilidade: Além do mais era estar a ferir constantemente a modéstia de uma pessoa que não gosta de se fazer notada.

Para mais nem todas as verdades se querem ditas... sobretudo quando se trata de elogiar um «facto heróico»...

Esperamos nova tampa, e prometemos que se noticiarmos qualquer coisa a respeito de tal assunto avisaremos no cabeçalho: «Esta não é para o J. R.»...

a) Ele e o tal

O dia do Cábula

8 horas — Levantar nas calmas.

8,30 — Sair de casa para faltar á 1.^a aula. Caso se queira ir á aula deve chegar-se atrasado. O Passo deve ser lento.

8.30 - 9.20 — Se não se vai á aula deve-se permanecer nos seguintes lugares: Capitólio, Volga e Lu sa. Quando se entra na aula mais tarde deve dizer-se qualquer coisa ao professor. O Mentiroso fino dirá:

«Sr. Dr. desculpe mas cheguei atrasado porque me atrasei» ou então. «Não pude chegar mais cedo» ou ainda «Rasguei as calças quando ia saltar para a Urbana».

Em dias de chuva deve usar-se a fórmula: «Cheguei todo molhado e para não apanhar a gripe voltei atrás para mudar de roupa».

O professor assim como aprecia uma boa resposta também aprecia uma boa mentira e isso influi na nota.

9.20 - 9.30 — Fuma o teu cigarrito (cravado) e informa-te da aula que tens a seguir.

9.30-10.30 — Estes 60m. serão muito chalados, portanto procura distrair-te. Não esqueças então o «Can-Can» e o «Mundo - Ri»; é o melhor que há para um «gajo» se distrair embora o Falcão também sirva. Corta as unhas, faz bonecos etc, mas não jogues à batalha naval porque já está muito visto.

Por precaução debes dizer no principio da aula: «Sr. Dr. esqueci-me do caderno e do livro» e «Sr. Dr. era favor não me chamar porque estou com dores de cabeça». (Esta última frase deve ser acompanhada de gemidos e caretas).

Quando faltarem 10m. para tocar debes preparar-te para sair.

10.20 - 12.30 — IDEM.

Ao almoço debes tentar alimentar-te bem pois levas uma vida acidentada. Depois do almoço um cafézito e um bagoço e umas dis-

cussões sobre a bola ajudam muito a digestão.

14.30-15 — Aula com o rapaz! Não te esqueças: Dorme a sesta porque faz bem.

15-18 — «Ranço» bastante. Anda para trás e para diante, senta-te e levanta-te, com ela ou sem ela e toma qualquer coisa para te alegrares.

18-19 — Janta. É preciso comer.

Diz ao papá que apanhaste um Bom e um Suficiente mesmo que tenhas apanhado um Mau e um Med. Diz também que tiveste uma boa chamada quando na verdade deste uma recusa e foste para a rua.

19-20 — Em vez de ires à explicação dá um passeio digestivo.

20-24 — Cinema!

24-8 — Dormir...

8 — Acorda que não és doente!

A primeira paixão

Num dos últimos bailes do «Amor da Pátria» um dos mais impenitentes celibatários do 7.^o Ano, resolveu enfim contactar mais demoradamente com o sexo fraco, escolhendo como palco a pista de dança.

O nosso pastel folhado, homem dado a desportos, decidiu no entanto que os simples movimentos de dança não eram suficientemente atléticos. Resolveu assim disputar com o seu par uma animada partida de futebol, de que saiu vencedor apesar do desejo da sua companheira em seguir o ritmo.

Apesar de vencedor terminou vencido pois a derrotada tinha uns olhinhos que lhe fizeram mal à «bola» e pior ficou ainda quando cá fora os espectadores do «match» decidiram pedir-lhe cunhas junto do par de quem o pobre estava já enamorado.

Quem te mandou trazer tal prenda da Terceira?

Quem é a loira que diz que «escacha» os redactores do Arauto?...
—

Alô!? Daqui fala um morto!...

Certo aglomerado de estudantes falando sobre assuntos «fantasmagóricos» chegou a certa altura ao tema: «O estado catalético relacionado com os sistemas de emergência e alarme».

É na verdade um tema importante, pois que esta coisa do cidadão (que paga imposto de turismo e tudo o mais), ir parar ao encantados Jardim das Tabuletas, só porque está mais teso que um cabo de vassoura, não está certo! E não está certo porque o «morto» está vivo!

Em face deste problema começou o debate.

A principio houve quem aventasse a hipótese de se colocarem campainhas nos caixões.

Esta ideia foi logo posta de parte por ser antiquada.

«Cortam-se os pulsos!» diz outro.

Credo! Cruzes! Se o «morto» estava vivo passa a estar morto!

Foi nesta altura da discussão que veio a solução salvadora, do Jovem cientista F. F.:

«Instalam-se telefones dentro dos caixões!

«Apoiado! diz outro conferencista», Se o «gajo» acorda é só gritar: Alô! Alô! daqui fala um morto!...

Amor Platónico

Soubemos por noticias ultra-secretas, que um jovem vindo de uma ilha do arquipélago onde a lingua falada se assemelha um pouco ao francês, está a provocar distúrbios mentais no sótão de certas meninas, sobretudo numa. E o caso está feio porque o tipo não se mexe, ou não se quer mexer. Claro que é mal feito pois que estas benesses nunca se devem desprezar.

Não há dúvida que é um assunto um pouco «lacrimogéneo» mas não percas as esperanças pois pode ser que ele ainda acorde. Lá diz o velho ditado: Não é por muito madrugar que se amanhece mais cedo»...

Mais palmo menos palmo

Conversando há tempos com o M. em questões de Medicina; Terepêutica, Cirurgia, enfim coisas que nós costumamos conversar e de que percebemos umas «lascas» (mais que não seja a penicilina), falámos às tantas de um sujeito, ou melhor, ele falou de um sujeito, um caso curioso por sinal, que sofria duma doença à qual se aplicam com justeza as leis de Charles-Gay-Lustac e Boyle-Mariotte, a única dirença é que o coeficiente de dilatação em vez de 0,00367 neste caso é lá para os 43,5, mas abandonando as considerações científicas sobre o assunto, disse-nos o M. que o individuo tinha sido operado (arregacem as calças por causa da água) porque tinha qualquer complicação na... na aorta.

Bem, o erro não foi grande pois que a distância da aorta ao tal tubo com cerca de 10 metros de comprimento não ultrapassa meio metro. Mais palmo menos palmo...

Novo sistema métrico

Há já algum tempo um parceiro que achou piada na expressão: «Quem é o menino que tem uma cabeça com quatro palmos de perimetro», quiz «gozar» esse menino e então da sua garganta que faria inveja a qualquer melrinho de papo loiro, saiu numa voz irritante e «cáustica», a seguinte expressão: «Uh-aaaa!... tem uma cabeça com quatro perimetros de diâmetro!... Uhaaaa!...»

Aconselhamos que deste novo sistema seja registada patente.

Provisoriamente o novo sistema tomou o nome de Sistema J. H. F. P. à semelhança com os já existentes. Damos a seguir o significado fisico das letras:

J. — Joule (mais vulgarmente chamado Júlia).

H — Hora (que chatice)

F — Força (a unidade mais conhecida é o Cavalo que quando toma valores pequenos é o Jumentinho.)

P — Peso (Mais ou menos 60 quilogramas.)